

JARÉ: INSTALAÇÃO AFRICANA NA CHAPADA DIAMANTINA

Ronaldo Senna
Itamar Aguiar

A localização geográfica da Chapada Diamantina tem favorecido, ao longo do tempo, a criação de uma permeabilidade de afluições sociais e influências culturais, dado o fato de estar situada entre regiões cujas origens históricas e desdobramentos subsequentes criaram quadros culturais os mais diversos, no que se refere aos costumes, tradições, visões de mundo e atitudes frente à vida.

A Chapada é, pois, uma região que, separando diversas áreas culturais, favorecia o surgimento de culturas específicas, ao mesmo tempo que, criando seus próprios quadros, também era, pelas regiões circunvizinhas, influenciada.

Queremos com isso dizer que a cultura econômica da Chapada Diamantina diferia das regiões que a cercavam por uma determinada exclusividade: a cultura das pedras preciosas, basicamente o diamante.

Este tipo de cultura diferia das demais no que tange à organização do modo de produção. Enquanto a agricultura e/ou a pecuária constroem regras mais ou menos fixas dentro de um quadro de previsibilidade, a garimpagem de gemas orienta-se, na realidade, por regras de jogo; sendo o próprio garimpo um jogo.

Este fenômeno tende a exercer um papel de chamariz de traços culturais diferenciados e de convites a aventureiros, bem mais que a outros favorecendo, durante a sua florescência, processos aculturativos visivelmente mais rápidos. Podemos caracterizar, portanto, a Chapada Diamantina, como a formação histórica de um hiato cultural.

Durante o período florescente, quadros formavam-se amalgamados no encontro das mais diversas afluições que, na decadência subsequente, favorecia uma exclusividade — relativamente transubstanciada pelos mais recuados e mais recentes contatos das realidades face a face — desencadeada pelo encontro de pessoas e grupos de terras e culturas distantes.

A Chapada não se caracteriza por uma cultura genética, mas pela reciclagem interna de quadros que se tornam exclusivos, à medida que se formam os amálgamas.

indicar alguma pista. Geralmente, nesses casos, o curador determina obrigações rituais, para que o garimpeiro “desempane” e se torne dono de alguma pedra na serra, se assim está escrito nos astros. Estas obrigações não têm a finalidade de conduzir ao bambúrrio, mas apenas de livrar o garimpeiro do seu “empanamento”, isto é, do véu do destino e da sorte, que o separa do seu astro e da sua pedra. Deste modo, caso a pedra seja achada pelo seu possuidor, ela só trará coisas boas para ele e sua família. Nos casos de ser encontrada por quem não é seu dono (quebra da determinação do destino), ela só trará dissabores. É uma crença nascida das disputas violentas, muitas vezes sangrentas, de pedras de grande valor; é uma crença que, provavelmente, apresenta uma quantidade muito grande de variantes nas regiões de catas pioneiras de pedras preciosas, onde a supervalorização da ambição humana é uma categoria comum em relação a normas de comportamento da comunidade.

3. *O Chamamento*

É a crença de que o diamante chama o seu dono através de luz e som. O garimpeiro ouve batidas nas piçarras e vê a luz correr a serra. É o diamante mostrando-se para ser apanhado. É uma crença nascida da observação de fenômenos naturais não devidamente explicados aos garimpeiros, que mantêm, assim, o seu comportamento típico de consciência ingênua. Numa região de pedras soltas e águas em abundância, descolamentos erosivos se fazem sentir no silêncio das serras e das noites. As escavações contínuas ajudam, algumas vezes, o fenômeno, como tivemos a oportunidade de constatar nos casos de deslocamentos de emburrados. As luzes são reflexos nas pedras e nas águas, ou fogos-fátuos emanados de animais mortos; as inclinações da serra permitem a visão de tais fenômenos com mais assiduidade.

4. *A Vida Orgânica da Pedra*

É a crença de que a pedra tem vida e, por isso mesmo, pode observar os deslocamentos dos garimpeiros nas serras e se esconder de quem não for o seu dono. Não apenas tem dono, como visão e voz. Encontramos a explicação para a origem desta crença na realidade geológica de uma formação aluviônica, onde, não existindo veios em abundância, mas gemas soltas nas distâncias e direções mais díspares, o acaso se faz, então, presente, com muito mais frequência do que

Mas esta envolvência até agora descrita — instalando-se em um processo de decadência econômica, responsável pelo despovoamento da região e da quebra das suas interligações mais fortes — cristalizava a memória social, que abria-se em um leque folclórico que perdia gradativamente as suas raízes.

Assim, os quadros gerais de crenças firmavam-se à medida que atitudes provenientes de outros locais, interferindo nos seus processos, moldavam personalidades específicas. Assim é que pensamentos religiosos sincréticos formavam-se na região, onde o Candomblé de Caboclo do Recôncavo começava a diferir ritualisticamente desses mesmos cultos no Recôncavo; o Catolicismo Rural do São Francisco faz-se presente, com uma face que não é mais a mesma vivenciada na sua origem, e os mineiros de Minas Gerais, também traziam os seus universos panteônicos que se desvinculavam, como comportamento mítico, da sua gênese.

Esta realidade faz com que as mais diversas influências e afluências reorientadas neste ambiente, em última instância, terminem sempre encrustando as mais diversas contribuições no mundo mágico do garimpo.

Existem crenças alicerçadas neste mundo mágico que projetam quadros mitológicos na construção de vinculações animistas, desencadeando novas hierofanias, como procuramos agora demonstrar, na seqüência das seguintes categorias:

1. *O Encanto do Diamante*

É crença na união espiritual do diamante com os astros. Para cada estrela no céu existe um diamante na terra, e nenhum garimpeiro conseguirá apanhá-lo, se as forças dos seus astros não permitirem o bambúrrio, desde quando na união do astro com a pedra o elo humano é um garimpeiro específico, formando-se assim, uma espécie de triângulo mágico. É uma crença nascida, provavelmente, da dificuldade apresentada no trabalho de cata e da impossibilidade de cálculos exatos da quantidade de diamante para cada medida de cascalho retirada de uma área aluviônica.

2. *O Destino das Pedras*

É crença na posse predeterminada do diamante por um garimpeiro escolhido pelos astros. Isto significa que o diamante tem o seu dono previamente escolhido pelo destino. É comum o garimpeiro procurar o “Curador de Jarê”, para saber se é dono de alguma pedra e se o Curador poderá lhe

numa área onde podem ser feitos cálculos relativos à produção por metro cúbico. Podemos afirmar, também, que parte dessa crença existe motivada pela perceptível força magnética do diamante bruto. Os garimpeiros afirmam que o diamante bruto “segura” os cabelos de quem o acha e “perde o encanto” depois que é tocado. Concluímos que se trata apenas do carbono cristalizado, que perde a emanção e o magnetismo após o contato com as mãos. Este fenômeno ocorre, na realidade, quando o mineral entra em contato com qualquer formação orgânica viva.

Estas crenças fazem parte do “universo místico” do Jarê, desde que são os Curadores que explicam os fenômenos aceitos pelos garimpeiros, segundo seu tipo de cultura. E são esses mesmos Curadores que os garimpeiros procuram para esclarecer fenômenos dessa natureza por eles vivenciados.

Dentre os fatores que influenciaram na formação do Jarê, destacamos também os de natureza psicológica, considerando que a religião oficial, a católica, não atende a todas as necessidades do garimpeiro, quanto à sua mundividência e aos seus relacionamentos mentais com o sagrado e o profano. A pura contemplação existente nos rituais dos templos católicos não dá ao garimpo uma resposta imediata às perguntas, feitas às deidades, nascidas da dúvida e da angústia, tanto é que, dentro da cosmologia católica, a preocupação primeira do garimpeiro, quase a única, é a sua concepção imediatista da prece e da graça, muito mais que uma possível consciência de pecado. Podemos afirmar, embora com certa ousadia, que a parte contemplativa da religiosidade a que o garimpeiro se liga (religião católica e Jarê) pouca importância tem na formação do seu universo sagrado.

Assim como é necessária a união constante do sagrado e do profano nas concepções místicas do garimpeiro, a permanente espera do milagre, também nas suas ligações materiais mais imediatas, como no caso da economia e da saúde, o profano tem que vir permanentemente ligado ao sagrado. Não é difícil concluirmos que quem ideologiza o seu mundo dessa forma está propenso a aceitar, com ou sem reservas, uma religião cujo universo místico coincida com o seu e que, desse modo, venha em seu socorro. Julgamos ser esta a razão por que o garimpeiro procura o “Curador de Jarê” muito mais como cliente que como adepto da seita.

Mas, voltando aos fatores que influíram na formação do Jarê e desdobrando ainda os de natureza psicológica, podemos afirmar que o Jarê, na sua operacionalidade, substitui a religião oficial, mas não a substitui na sua representatividade social. Podemos confirmar isso, quando observamos que os garimpeiros de Lençóis, via de regra, consideram-se católicos

puros em sua grande maioria; poucos reconhecem o Jarê como uma religião de apoio, preferindo rotulá-lo de “vadiação”, e alguns chegam mesmo a demonstrar uma profunda repulsa ao culto. Podemos dar testemunho, no entanto, de que, inúmeras vezes, garimpeiros que isolaram o Jarê (como religião mesmo de apoio) das suas práticas vitais, e mesmo aqueles que demonstraram repulsa ao responder às entrevistas e questionários, foram encontrados por nós participando efetivamente do ritual, não apenas como tocadores de atabaques ou de algum instrumento do qual se vale a cerimônia, mas também incorporando encantados, caboclos ou orixás, além de serem sobejamente conhecidos pela comunidade como clientes constantes dos “Curadores de Jarê”.

Os clientes de “Curadores de Jarê” crêem firmemente nos poderes médicos ou “milagrosos” desses homens. Além do mais o Curador tem uma vantagem sobre o médico oficial: além do corpo, cura também o espírito. A medicina herbácea e de pólvora a que se dedicam, além da formação curativa engloba, também, credos e “poderes” mágicos.

A convivência nas fazendas e garimpos faz dessa figura um “protetor” sempre presente e solícito, que fala a linguagem da gente do povo, aceita qualquer coisa como pagamento ou não exige sequer pagamento algum, e, muitas vezes, além de não ser pago (o desprezar o dinheiro numa terra de jogadores já o torna uma personalidade especial e ajuda a envolvê-lo numa “nuvem” carismática), ajuda o doente ou necessitado (entende-se por necessitado o possuidor de uma doença do espírito — problemas psicológicos, nervosos ou paranormais) com dinheiro, alimentação ou outros bens.

Este procedimento de receber de uns e dar a outros envolve o Curador, aos olhos de seus adeptos, numa espécie de visão “robinwoodista”. Esta formação especial de distribuição de bens (materiais e não-materiais) não é difícil de ser praticada por quem já tem a fama de conhecer “segredos divinos”. O simples fato de ter o Curador esta fama faz com que aquele que o procura seja incapaz de esconder ou diminuir suas posses, com medo da “ira divina”. Quando o Curador é afamado recebe uma quantia tão grande de presentes, que se vê forçado a distribuí-los, sob pena de desperdício, o que não seria bem visto numa terra pobre, principalmente levando em consideração que grande parte, senão a maior parte dos presentes, são gêneros alimentícios.

Em resumo, o cliente do Curador o procura por uma fé mística muito grande e uma certeza de que ele viu muitas vezes comprovado o conhecimento do Curador, o poder curativo das suas “garrafadas”, feitas de folhas, raízes e ervas. Quanto aos resultados positivos muitas vezes obtidos em casos

de doenças nervosas, muita coisa fica por conta do poder sugestivo da fé e da força carismática do Curador.

Além das condições sócio-econômicas e de natureza psicológica, devemos identificar, também, dentre os fatores que influíram na formação do Jarê, as condições históricas, isto é, as migrações internas, os contactos que, por força do processo aculturativo, foram responsáveis pelas categorias culturais que possibilitaram o sincretismo no Jarê.

Já nos referimos às migrações que formaram a sociedade local. Já sabemos que vieram pessoas do Recôncavo Baiano, da própria Capital, de Minas Gerais e da Região do São Francisco. Muitas dessas pessoas eram aventureiros que vieram sós, porém já imbuídos da "ideologia" do jogo. Vieram, também, os senhores com seus escravos, estes, por sua vez, já trazendo as suas crenças sincretizadas.

Os que vieram do Recôncavo Baiano traziam o candomblé de orixás (Jeje, Keto, Nagô, Banto, Angola), já com os caboclos indígenas incorporados à sua cosmogonia e ao seu ritual. Os que chegaram de Minas, além dos orixás, traziam elementos de umbanda. Os que vieram do São Francisco chegaram com atitudes, pensamentos e valores do catolicismo rural.

Tudo indica, porém, terem sido os negros vindos do Recôncavo, que se intitulavam nagôs, os que maior influência exerceram na formação do Jarê. Concluímos, no entanto, que o Jarê não é um culto de origem nagô, como à primeira vista acreditamos por ficarmos presos unicamente às afirmações dos informantes. O Jarê nos parece ser um culto de base angolana, ao qual se superpôs a influência religiosa dos nagôs.

Considerando que os negros de Angola foram introduzidos no país no século XVI ao XIX e os nagôs aqui chegaram apenas no fim do século XVII ao fim do século XIX; considerando que foram os negros de Angola (mesmo os negros do Congo eram na verdade do Congo, província norte de Angola) que povoaram o interior, lá deixaram a sua cultura e lá a sincretizaram, enquanto os nagôs chegaram ao país já em pleno processo da Urbis; considerando ser a nação nagô possuidora de uma formação social mais complexa e, por isso, de escala um pouco superior, habitando ainda as grandes cidades, concluiremos que, na realidade, aconteceu com o Jarê o que, de resto, acontecia com os candomblés sincretizados no Brasil de maneira geral: a afirmação da vigência de um prestígio; daí negros originários de Angola se intitularem nagôs ou do Congo.

Outra coisa que nos faz perceber a origem angolana do Jarê é a fraqueza da afirmação das suas linhagens como nação, na realidade quase inexistente no culto.

O isolamento a que ficaram sujeitos os negros escravos em Lençóis, e outras cidades e povoados da Região, forçou uma identificação cada vez maior entre os "terreiros" originários de várias "nações", motivando, assim, o surgimento de novas formas nos cultos rituais. Mesmo assim, ainda hoje notamos não ser o Jarê um culto cujo forte seja a homogeneidade.

A ausência dessa concepção homogênea do mundo levamos, inclusive, a notar um universo fugidio entre curadores que, apesar de serem vistos, via de regra, por clientes e adeptos, mais por clientes que por adeptos, como líderes sectários, são, na verdade, diferentes personalidades representando diferentes papéis.

Para uma compreensão mais eficaz da questão, dividimos, grosso modo, estas personalidades, como "Curadores de Jarê" e "Curadores de Raiz", embora deixando claro que as fronteiras existentes entre estas categorias não possuem uma rigidez visível quanto à formação ideológica, mas uma espécie de dualidade, alicerçada em biografias divergentes e/ou contraditórias, onde elementos das origens formativas do culto estão presentes em ambos os papéis representados, onde a competição por *status*, exerce também um papel de primordial importância.

"Curadores de Jarê", ou pessoas que assim preferem ser conhecidas, executam "trabalhos" onde não entram elementos do culto, como também, "Curadores de raiz", embora negando o seu papel de componente do Jarê executam, nos "trabalhos", pequenos rituais, que, embora, na maioria dos casos ligados a deidades puramente católicas, em alguns casos ligam seus "trabalhos" a deidades eminentemente de Jarê e, menos nas ligações puramente católica, dão, via de regra, preferência aos santos católicos comumente mais ligados ao Jarê.

Mas, embora estas duas categorias, possuindo semelhanças e diferenças simbólicas e ideológicas possuem um referencial comum: o papel de autoridade, dada a especialização, de conhecedores da medicina rústica e, na totalidade dos casos impregnada de magia, flutuando a graduação e a vigência do papel de mágico. Por este motivo, tratamos sempre a medicina rústica pela expressão medicina mágica, que nos parece mais condizente com a situação.

Quando falamos do Jarê e da medicina rústica, da vigência e do *status* do curandeiro das religiões de origem negra, índia ou sincretizadas, dissemos o quanto era importante, dentro do quadro dessas religiões, a medicina mágica. Estudando o Jarê, nós nos deparamos com esta medicina e com a prática de curandeirismo, mesmo em se tratando de indi-

vídus culturalmente isolados quanto às suas preferências de crenças. Na Região das Lavras, é comum fazer-se uma distinção entre “Curadores de Raiz ou de Jarê”, sendo os primeiros mais ligados, na sua cosmogonia, aos valores do catolicismo rural e os segundos aos cultos negros. Notamos, também, que eles diferem, acentuadamente na aceitação do espiritismo kardecista. Um dos motivos por que os “Curadores de Jarê” sempre demonstram uma atitude de defesa em relação aos “Curadores de Raiz” é, possivelmente, o fato de que o Jarê “não trabalha com mortos”, enquanto grande parte dos “Curadores de Raiz” utiliza, para proteger os corpos daqueles que recebem as poções, almas a seres reencarnadas. Na preferência por diferentes cultos rituais, e não em uma separação entre o sagrado e o profano, reside a diferença básica entre eles, desde quando o “Curador de Jarê” é quase sempre um “Curador de Raiz”: além de cumprir suas obrigações cerimoniais, trabalha com os seus conhecimentos de ervas, raízes e folhas.

Existem curadores unicamente de Raiz ou de Jarê, mas um percentual relevante se insere nas duas categorias.

Embora haja, muitas vezes, uma certa dissidência entre ambos, podemos registrar semelhanças fundamentais:

1a. A iniciação geralmente é idêntica, isto é, caracterizada por manifestações nervosas, longos períodos de “loucura”, febres, delírios, espécies de amnésias, desmaios, apresentando resultados negativos quando em contato com a medicina oficial, e positivos em contato com a medicina rústica.

2a. Ambos usam os mesmos tipos de ervas e folhas para as mesmas doenças, diferindo nas rezas e nas entidades invocadas para acompanhar a aplicação dos medicamentos: O “jarezeiro” invoca guias e caboclos; o “raizeiro” invoca os santos da Igreja oficial.

3a. São ambos possuidores de um sentimento animista muito forte alicerçado em idênticos valores.

Podemos registrar, também, diferenças bem visíveis:

1a. Os “jarezeiros” são geralmente mais calmos; os “raizeiros” mais temperamentais.

2a. Os “jarezeiros” comumente têm uma experiência econômica mais ligada ao garimpo que à agricultura; com os “raizeiros” ocorre o inverso.

3a. O “raizeiro” possui um conhecimento mais amplo e uma prática mais constante da “veterinária rústica”. Registramos, porém, numerosas excepcionalidades.

4a. O “jarezeiro” lida mais freqüentemente com categorias e crenças astrológicas.

5a. O “raizeiro” distingue sempre o Jarê do espiritismo kardecista; o “jarezeiro” freqüentemente os engloba.

6a. O “raizeiro” geralmente demonstra mais devoção aos santos da Igreja oficial.

Gostaríamos de ressaltar a importância de um outro elemento ligado aos processos e rituais de cura que, embora não possam ser especificamente enquadrados nas duas categorias supra, compõe um outro ângulo da abrangência cultural que ora descrevemos, e que os elementos do contexto vinculam aos seus atos e projetos vitais: as “rezadeiras”.

Esta categoria, cristalizada sempre em pessoas do sexo feminino, não exerce uma função rústica ou rústico-mágica, mas puramente mágica.

Difere do “jarezeiro” e do “raizeiro” no sentido de desempenhar trabalhos mais leves acompanhando, no meio rural e no reflexo das sociedades iletradas, a tradicional divisão social do trabalho vinculada ao sexo, determinando papéis exclusivos a homens e mulheres.

Enquanto o “curador de jarê” e o “curador de raiz” fazem trabalho de cura mentais e orgânicas, a “rezadeira” cura apenas indisposições — “mal olhados”, “espinhela caída”... —, assim como, exerce o papel de reordenação de projetos vitais que se encontram confusos ou fugidios, como, por exemplo, “abrir caminho”, “tira teima”, “amor perfeito”, “desencosto”, “segura marido”, etc.

O Jarê não se explica, exclusivamente, pelas condições materiais. Nenhuma religião o faz desta forma. A formação e o objeto de cultura religiosa extrapolam as condições e necessidades materiais, e passam a atender às necessidades existenciais e de mundividência do homem. A religião não é, no entanto, uma segunda natureza humana, mas uma tentativa do próprio homem de explicar a sua natureza e a sua cultura, construindo idealmente uma sobrenatureza que responda aos seus anseios. O mundo sagrado e o mundo profano existem culturalmente como individualidades separadas e incognitivas, independentes da vontade e da ação humanas, mas, para o homem religioso, esta dualidade, embora misticamente separada, é parte integrante de um todo. O homem não pode interferir, com o seu pensamento e a sua ação, nos processos e nos poderes das divindades, mas pode colocar estas divindades a seu serviço a depender do seu poder de interferência. A união do sagrado e do profano é o próprio processo mágico de mudança da contemplação para a interferência.

Assim, o Jarê, sob hipótese alguma, poderia ser considerado uma religião de garimpeiros, mas uma cosmogonia interferente que opera com garimpeiros. Não é o Jarê que cria os mitos do garimpo, nem o garimpo que cria os mitos do Jarê. Mas é o cruzamento e a mesclagem desses mitos que condicionam pensamentos e atitudes operacionais, como os que estão registrados neste trabalho.

JARÊ: A RELIGIOUS CULT OF AFRICAN ORIGIN IN BAHIA STATE

Jarê is a syncretic and multifaceted sect, or even a set of sects that, for their cultural proximity and geo-historical identity, are determined by this generic term.

Being established in the "Chapada Diamantina", a region in Bahia state, it underwent, alongside of its formation, a powerful influence in its mythological and ritualistic bodies, of a magical and fantastic world drawn from and to the "garimpo" mental universe, at the same time that the most different African, Brazilian and Afro-Brazilian affluences blended the general board of beliefs.

Being basically a village cult, they are not found or symbolically represented, what we could consider a "nação de santo" or Candomblé, therefore being difficult to consider the members of this sect deeply anarchic as "povo de santo" with heavily communitary meaning such an expression infers.

However, notwithstanding the deep differences, visible from house to house, there are always ties that, rendering possible comparing identifications with the boards of belief, myths, legends, rites and codes, allowed us to agree with the popular denomination of Jarê for all these cults that, being chiefly a "Candomblé de Caboclo" of Angolan basis, is found very much contaminated with the Umbanda of Minas Gerais state, the rural catholicism of the region of Rio São Francisco and the Bantu and Nago presences originating in the region of Recôncavo, chiefly the area of Cachoeira.

JARÊ: UN CULTE D'ORIGINE AFRICAINE DANS L'ÉTAT DE BAHIA

Le Jarê c'est une secte syncrétique et multiforme, ou un ensemble de sectes qui, par leur proximité culturelle et identité géo-historique, sont déterminées par ce terme générique.

En s'installant dans la Chapada Diamantina, à l'État de Bahia, il a subi, tout du long de sa formation, une puissante influence, dans ses corps mythologique et ritualistique, d'un monde magique et phantastique, projeté de et pour l'univers mental du "garimpo", à mesure que les plus différentes affluences africaines, brésiliennes et afro-brésiliennes, mélangeaient le cadre général de croyances.

En étant basiquement un culte de village, on ne les rencontre pas personnifiées ou symboliquement représentées, ce que nous pourrions considérer une "nação de santo" ou de Candomblé, et il est alors difficile de considérer les membres de cette secte, extrêmement anarchique, comme "povo de santo" au point de vue lourdement communautaire que cette expression infère.

Cependant, malgré des profondes différences, visibles de maison en maison, il-y-a toujours des liens qui, en rendant possible des identifications comparées aux cadres de croyance, mythes, légendes, rites e codes, nous ont permit de concorder avec la denomination populaire de Jarê pour tous ces cultes qui, en étant surtout un "Candomblé de Caboclo" de base angolaise, se trouve bien affaibli de l'Umbanda de l'État de Minas Gerais, du catholicisme rural de la région du Rio São Francisco et des présences bantu et nagô originaires de la région du Recôncavo, à Bahia, surtout de l'aire de Cachoeira.